



SURURU NA CIDADE¹ Pixinguinha

*Se você tem 15 volumes para falar de toda a música popular brasileira,
Fique certo de que é pouco. Mas se dispõe apenas do espaço de uma palavra,
Nem tudo está perdido; escreva depressa: Pixinguinha.
Ary Vasconcelos*

A música popular brasileira é resultado da confluência cultural de três etnias: o índio, o branco e o negro. **Pixinguinha** herdou toda essa tradição, firmando o choro como gênero musical. Lá se foram 100 anos já do nascimento do **choro**.

A Alfredo Vianna da Rocha Filho, ou Pizindim, ou **Pixinguinha**, é atribuída a ponte entre o popular e o erudito. O que o diferenciava dos demais de sua época era sua escuta, que incorporava elementos de diferentes tradições. Foi arranjador, compositor. Deu identidade à música popular brasileira do começo do século XX.

A síntese do **choro** está na fusão entre música para ouvir e música para dançar. Designava um modo de execução de músicas dançantes em festas comunitárias (casamentos batizados, aniversários, funerais). Hoje, designa um gênero e um idioma.

Este projeto se propõe como um momento de resgate de parte importante da cultura, da música, das relações sociais do Brasil do início do século XX, com foco no cenário carioca, berço de **Pixinguinha**, e em sua obra, o **choro**.

Objetivo Geral

Conhecer e viver uma importante tradição musical brasileira.

Objetivos específicos

Conhecer um gênero clássico da música brasileira: o choro.

Conhecer um artista clássico da música brasileira: Pixinguinha.

Conhecer parte da identidade e da cultura brasileira: a obra de Pixinguinha.

Conhecer o contexto social e musical carioca do início do século XX.

Valorizar o que é nosso.

Justificativa

Este projeto se justifica porque Pixinguinha é nosso, porque é o maior compositor de choro de todos os tempos, porque pode não ser conhecido de muitos das novas gerações e merece sê-lo, assim como as novas gerações merecem conhecê-lo. Sua obra musical ultrapassa os limites históricos de seu tempo, projetando-o como portador e disseminador dos ideais de brasilidade na cultura nacional. (Beatriz Pereira)

¹ O nome desse projeto faz referência à dissertação de mestrado de Beatriz Lopes, que gerou livro homônimo.



Interdisciplinaridades

Geografia: diacronia: a região por onde Pixinguinha circulava na cidade do Rio de Janeiro era conhecida como Cidade Nova, também chamada de "A Pequena África no Brasil", pelo sambista e pintor Heitor dos Prazeres. Nela, habitavam os afro-cariocas, em grande parte originários do nordeste brasileiro (Diniz e Lins, 2002).

Ciências: Diacronia: Pixinguinha, provavelmente, ganhou esse apelido devido a umas "bexiguinhas" em seu rosto, remanescentes de uma varíola. O Rio de Janeiro em que cresceu o menino foi cenário de doenças endêmicas: febre amarela, varíola e gripe dizimaram milhares de moradores de uma cidade cujos serviços de coleta de lixo e de saneamento básico eram precários (Diniz e Lins, 2002).

Português: no poema "Autorretrato", Pixinguinha conta sua vida de músico chorão. **Diacronia:** explorar os gêneros jornal e revista do começo do século XX (*Gazeta*, *Jornal do Comércio*, *o Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Revista Musical*, revista *Morreu Neves*), comparando com esses mesmos gêneros hoje, virtuais ou impressos. Explorar variações linguísticas históricas (hontem, pharmácia, exhibio, redacção).

Meio Ambiente: o Rio de Janeiro do começo do século passado.

Artes: a caricatura é um desenho que realça detalhes das feições de uma pessoa. Grandes nomes da música brasileira foram caricaturados por ilustres artistas, e Pixinguinha não foge à regra.

História: pesquisa: Rio de Janeiro, capital cultural do Brasil do começo do século XX. Construção da identidade nacional. História da Rádio Nacional. Arquitetura da época (semelhança do Rio de Janeiro com Portugal, Bahia, Minas Gerais e São Paulo), os serviços da época (a carroça postal).

Patrimônio material: Cais do Valongo, reconhecido em julho de 2017, pelo Iphan, patrimônio material da humanidade. O Valongo é o mais importante, o mais significativo sítio de memória da diáspora africana na América. Dos 4 milhões de africanos escravizados que vieram para o Brasil em 300 anos de tráfico, 2,4 milhões entraram no País pelo Rio de Janeiro, 1 milhão deles pelo Valongo, entre 1774 e 1831 (<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cais-do-valongo-simbolo-de-um-crime-contr-a-humanidade>).

Música, dança e teatro: Para aprender com os ouvidos: influência africana no choro, instrumentos do choro (flauta, violão, cavaquinho e alguns metais), música do início do século XX no Rio de Janeiro (principais gêneros e influências musicais), música dos rituais religiosos afro-brasileiros; partituras, arranjos orquestrais e composições de Pixinguinha. Influência estrangeira: fox-trot, fox-blue, fox-canção, black-bottom (danças de salão), Charleston. Danças como polca, mazurcas, schottisches, maxixes); gafieiras, companhia Negra de Revistas (primeira trupe teatral brasileira que contava exclusivamente com músicos e atores de cor), Ba-ta-clan preta.

Cultura: teatro de revista, o surgimento do cinema e do filme mudo, espetáculos de variedades, primeiros museus, preconceito contra cultura popular carioca, revistas da época, associação do músico de rua/seresteiro a marginal, substituição da cultura espontânea das ruas pelo entretenimento pago; primeiras tecnologias (fonógrafo, kinoscópio, máquina de Raio-X); a cultura produzida por negros e mulatos; discos de vinil. Outros músicos da época. Teatro musicado.

Turismo: principais pontos culturais cariocas do início do século que são históricos hoje: Teatro Rio Branco, Lapa, Rua do Ouvidor, Teatro Municipal, Aquedutos da Lapa.

Sociedade: preconceito contra negros, mulatos ("gente de cor") e política higienista do século XX; *black face* no teatro (debate: a representação do estereótipo negro); cortiços da Cidade Nova e as favelas de hoje.



Autorretrato

Eu também nasci chorando
Como todo mundo nasce
E embora a chorar vivesse
Não chorei o que bastasse
No choro a vida passei
Com prazer e na labuta
Sustentei mulher e filho
Chorando fiz-me um batuta
Chorei muito choro alheio
Toquei maxixe e marchinha
Alfredo sou por batismo
Mas no choro Pixinguinha

Fiz música, fui maestro
Fui Ingênuo, Carinhoso
Soprei meu triste Lamento
E o meu riso mais gostoso
E assim o ciclo se fecha
Pois cumpri o meu papel
Pinte o choro na terra
Pra colher risos no céu

(Pixinguinha)

Filmes sobre Pixinguinha: assistir em sala ou em casa

- ✓ Antônio Carlos Fontoura. *Chorinhos e chorões*. 1976, 11 min. (Documentos Musicais, Brasilianas, FUNARTE, n. 13.): uma pequena história do choro, de Joaquim Callado, o precursor, até Pixinguinha e Jacob do Bandolim, seus maiores expoentes.
- ✓ Sérgio Sanz. *Álbum de música*. 1974, 16 min. (Documentos Musicais, Brasilianas, FUNARTE, n. 13): documentário sobre a música popular brasileira que traz músicas e imagens de Pixinguinha.

Pixinguinha na internet

- ✓ www.pixinguinha.com.br Site oficial do compositor (em construção).
- ✓ www.choro-samba.com.br Página de debate sobre choro, samba e MPB, com divulgação de gravadoras especializadas em choro.

Culminância

Auditório da Escola Parque 308 Sul, às 9h do dia 16/12/2017.

Música	Grupo
Carinhoso	Infantil II
Urubu Malandro	Infantil III
Rosa	Infantil IV
Sofres Porque Queres	Infantil V
Lamento	1º. ano
Sensível	2º. ano
O Mundo Melhor de Pixinguinha (Pizindin)	3º., 4º. e 5º. anos



Referências

BESSA, Virgínia de Almeida. *A escuta singular de Pixinguinha: história e música popular no Brasil dos anos 1920 e 1930*. São Paulo: Alameda, 2010.

DINIZ, André. *Pixinguinha: o gênio e o tempo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

DINIZ, André; LINS, Juliana. *Pixinguinha*. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção Mestres da Música no Brasil).

MOTA, Maria Aparecida Rezende (coord.). *Pixinguinha*. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento Cultural, 1997.

PEREIRA, Beatriz da Silva Lopes. *Sururu na cidade: diálogos interartes em Mário de Andrade e Pixinguinha*. 2013. 295, [59] f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13783>>. Acesso em: 24 jul. 2017.